

A PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS NOS MOVIMENTOS SOCIAIS*

*Roque Hammes***

Resumo

Muitas vezes se criticam os jovens pelo fato de não participarem nos Movimentos Sociais e de não se comprometerem politicamente com ninguém. Com facilidade eles são acusados de não quererem nada com nada e de não quererem compromisso. Faz-se um paralelo dos jovens de hoje com os jovens de décadas passadas e se afirma que “naquele tempo sim os jovens eram atuantes”.

Intrigado com estas afirmações, propus-me analisar mais profundamente o que é que está se passando com os jovens de hoje para darem esta impressão de apatia frente aos problemas vividos pelo povo. Tomei por base os jovens de Venâncio Aires, onde estou trabalhando atualmente. Busquei confrontar os dados conseguidos através de uma pesquisa com os dados da história e com as análises de vários autores da atualidade. A conclusão final é que “os jovens de hoje, mesmo sendo diferentes dos jovens do passado, continuam com o desejo de participar na gestação de uma nova sociedade. O que muitas vezes acontece, é os Movimentos Sociais não abrirem espaço para esta participação”.

Palavras-chave: Movimentos sociais, Jovens, Motivações, Participação, Engajamento, Transformação.

Abstract

Many times we criticize the youth for not participating in the social movements and for not being involved with anybody. They're easily accused by the fact they don't want any commitment and for not acting.

* O presente trabalho é uma parte da Monografia de conclusão do Curso de Especialização em Educação Popular, feito na Unisinos nos anos de 1994 a 1995. O título original da monografia é “A participação dos jovens de Venâncio Aires nos Movimentos Sociais”.

** Roque Hammes é padre da Diocese de Santa Cruz do Sul. Além das faculdades de Filosofia e Teologia, fez especialização em Planejamento Pastoral na Universidade Javeriana de Bogotá e especialização em Educação Popular na Universidade do Vale dos Sinos em S. Leopoldo.

We compare them today with the youth of decades ago thinking those were better. That's why I decided to try to discover what's happening with them nowadays when face to face with the problems everybody has.

My work is based on our youth here in my city where I work. The final conclusion is that the youth today in spite of being different, still has the desire to participate in the formation of a new community. What happens many times? The organizations that command the Social Movements do not give "chances" for their participation.

Keywords: Social movements, Youth, Motivations, Participation, Engagement, Transformation.

1 INTRODUÇÃO

Estou trabalhando com a Pastoral da Juventude desde o ano de 1980, quando assessoriei os grupos de jovens da paróquia de Arroio do Meio. Em 1986 trabalhei em Venâncio Aires sendo que voltei para cá em 1994.

Em 1986, a Pastoral da Juventude estava no auge do seu engajamento sócio-político. A Cajova (Caminhada dos jovens de Venâncio Aires) daquele ano abordou o tema da Constituinte, convidando os jovens a lutarem por uma Constituição que favorecesse os interesses da população pobre e marginalizada. Foi o período em que os jovens estavam no Movimento de Justiça e Direitos Humanos, nos Partidos Políticos, no Movimento de Consciência Negra e nos Sindicatos. O Movimento estudantil era forte, sendo que a Pastoral da Juventude Estudantil era a garantia de autenticidade dos Grêmios Estudantis. Nas greves dos calçadistas e no dia de paralização geral convocado pela CUT, os jovens eram os mais entusiasmados.

Olhando para aquele ano, temos hoje a sensação de estarmos a relembrar um sonho. A União das Associações de Moradores de Venâncio Aires está atrelada ao poder municipal. O Movimento de Justiça e Direitos Humanos adormeceu. O Grupo de Consciência Negra se restringe a pequenos encontros de confraternização e celebração. As grandes datas de luta e mobilização do trabalhador (1º de maio e 25 de julho) foram assumidas pelo poder municipal para realizar festas. A ameaça de desemprego inibe a luta dos trabalhadores por melhores salários. A atenção dos sindicatos foi desviada para a assistência médico/odontológica dos seus filiados. A Cajova mudou totalmente de discurso.

Os integrantes dos Movimentos Sociais envelheceram nos últimos anos, sendo que a presença dos jovens é mínima. Na ausência dos jovens falta criatividade e dinamismo.

Por que os jovens não participam?

Existem, no mínimo, cinco hipóteses que se podem aventar para justificar a ausência dos jovens nos Movimentos Sociais.

1º. Os jovens não participam porque eles não querem nada com nada. Eles não têm personalidade, são cabeça ôca e não têm objetivos na vida.

2º. Os jovens não participam porque as propostas feitas pelos Movimentos Sociais não interessam aos jovens.

3º. A metodologia usada pelos Movimentos Sociais não se afina com o ser do jovem de hoje.

4º. Os Movimentos Sociais não querem a participação dos jovens.

5º. O jovem ainda não se convenceu da importância dos Movimentos Sociais. Ele tem os seus grupos e as suas tribos, por cujo intermédio ele pensa em chegar a uma sociedade feliz para si e seus semelhantes.

Frente a tudo isso, propus-me, no presente trabalho:

1º. Detectar as motivações que levaram vários jovens da década de 1980 a se engajarem nos Movimentos Sociais.

2º. Auscultar as motivações dos jovens para a organização de novos Movimentos Sociais.

3º. Captar o grau de consciência sócio-política dos jovens de Venâncio Aires.

4º. Analisar a importância e o significado da participação dos jovens nos Movimentos Sociais, para os jovens e para os Movimentos.

Para alcançar estes objetivos entrevistei 40 jovens entre 15 e 24 anos de idade e 10 jovens da década de 1980 (hoje com 25 a 38 anos de idade). Os questionários foram aplicados entre os dias 13 de agosto e 2 de setembro de 1994. Participei também da organização da Cajova que estava parada há três anos e foi retomada em 1994 e me integrei na equipe de coordenação da Pastoral da Juventude local, com a qual discuti o presente projeto de trabalho. Fiz também contato com quatro sindicatos que atuam no município, com o Comitê Ação da Cidadania contra a fome e a miséria e pela vida de Venâncio Aires, com a União das Associações de Moradores e com um Grêmio Estudantil.

2 REFERENCIAL TEÓRICO DA PESQUISA

Para falarmos dos Movimentos Sociais em Venâncio Aires, precisamos situá-los no contexto amplo do Brasil e da América Latina. Tendo por horizonte a libertação do povo,

é-nos necessário antes situar adequadamente nosso continente na história mundial, desde o distante paleolítico até hoje (Dussel, 1986, p. 221).

Precisamos também clarear o que entendemos por Movimentos Sociais, por Participação e por Jovens. Precisamos ainda fazer uma rápida descrição da realidade vivida

pelos jovens de Venâncio Aires. Tudo isso constitui o Referencial teórico da pesquisa.

Para elaborar este Referencial, vali-me de vários livros e textos. Vali-me também de um contato direto com dirigentes de entidades onde o jovem está ou não está presente. Vali-me ainda de dados do IBGE e dados das eleições do dia 3 de outubro de 1994.

2.1 Raízes históricas da dominação latino-americana

A história das civilizações poderia ser dividida em três momentos.

A. Momentos das altas culturas: surgidas em lugares próprios para a agricultura, valem como as primeiras colunas da história universal: Mesopotâmia, Egito, rios Indo e Amarelo, Maia-Asteca, Inca. Das seis altas culturas, duas são da América Latina.

B. Momento dos indo-europeus:

Trazem uma cultura com um horizonte ontológico altamente coerente que, posteriormente, na Grécia e na Índia será logicamente pensado em ajustada racionalização... Não será arriscado pensar que a experiência originária desses povos foi a do homem-ante-a-natureza, isto é, a alma ante as coisas (Dussel, 1986, p. 225).

Com os gregos, na expressão de Dussel, este homem alcançará a expressão da "lógica da totalidade" e com os hindus a experiência da "mística da totalidade. No ano 300 depois de Cristo, o Império Romano, o Império Persa, o Império Chinês e os reinos arianos da Índia haviam dominado as grandes culturas neolíticas agrícolas da Idade do Bronze.

C. Momento dos Povos Semitas: procedentes do deserto da Arábia, os acádios são os primeiros semitas que a história conhece. Vêm depois os cananeus, os fenícios, os babilônios, os assírios, os arameus, os hebreus. À cultura semita pertencem também os cristãos e os muçulmanos.

O enfrentamento de indo-europeus e semitas tem sido o choque cultural mais importante da história humana, produzindo-se uma verdadeira semitização do mundo pelo ano 800 d.C., sob o sacro-império de Carlos Magno, o império bizantino dos ortodoxos, os califados que dominam a Espanha até passar o rio Indo e o Tamim... O homem semita nasce e cresce não na lógica da totalidade (homem-natureza), mas na lógica da alteridade (rosto do homem ante o rosto do outro, livre). O homem semita situa na origem a posição do face-a-face: o homem ante a mulher, o pai ante o filho, o irmão ante o irmão, o habitante peregrino que precisa ser hospedado (Dussel, 1986, p. 227 e 228).

Até 1450, as culturas coexistentes, sem primazia de uma sobre as outras eram as seguintes: cristandade latina, cristandade bizantina, Dar-el-Islam, reinos da Índia, Império Chinês, Império Azteca e Império Inca. Em 1600, como resultado da expansão conquistadora da Europa, o mapa geopolítico do globo mudou fundamentalmente: a Rússia venceu os mongóis no Oriente, e a Espanha reconquistou suas terras em poder dos árabes.

Se o que se denomina Idade Antiga é, na verdade a preponderância indo-européia; se o que se denomina Idade Média é a preponderância semítica, a chamada Idade Moderna é o tempo da dominação da Europa latina, à qual se incorpora a Rússia de Moscou. A América Latina nasce, então, como filha de mãe ameríndia e de pai hispânico prepotente (Dussel, 1986, p. 230).

A conquista da América (1492 a 1620), que será seguida pela conquista das costas da África, da Índia, do sudeste Asiático da China, do Japão e da América do Norte, é a expressão do homem moderno: um homem que se totaliza, que nega a alteridade antropológica (o índio, o africano e o asiático) e instaura como a origem natural uma espantosa dominação do homem sobre o homem... A história da América hispânica ou das Índias ocidentais é o processo da dependência do homem da periferia em relação à dominação do Centro norte-atlântico (Dussel, 1986, p. 234).

Os espanhóis que exploram as minas de ouro e prata levaram à Espanha pelo menos quatro vezes mais que introduziram na América. Essencialmente era porém exploração dos índios que deixaram suas vidas no fundo das minas, na mita e na encomienda (Dussel, 1986, p. 236).

No início do século XIX, a dependência muda de metrópole, sendo que a América Latina passa ao domínio da metrópole inglesa. Desde a crise de 1929 e sobretudo desde a segunda guerra mundial (1945), a América Latina passa a depender dos Estados Unidos da América. Usando o argumento de que "a América deve ser dos americanos", os EUA passam a controlar todos os governos dos países latino-americanos. Assim, no momento em que visualizam algum perigo no horizonte, no sentido de o domínio cair fora de suas mãos, eles patrocinam as ditaduras militares em vários países. No momento em que lhes favorece a democracia, patrocinam deposições de governos.

Referindo-se a essa dominação, José Martí se expressa de forma genial:

Éramos uma máscara, com calças da Inglaterra, o colete parisiense, o casaco norte-americano e a capa da Espanha. O Índio mudo, dava voltas ao redor de si, e se ia para o monte... O negro, preso, cantava à noite a música de seu coração, só e desconhecido (Fornet-Bitancourt, 1994, p. 21).

2.2 Busca de autodeterminação

Fazendo um paralelo do desenvolvimento da pessoa humana com a caminhada do povo da América Latina, podemos dizer que, desde o começo da dominação européia, a "América criança" foi reclamando atenção para ela. Quando se deu conta do que os grandes estavam fazendo com ela, começou a bater pé, reclamando os seus direitos e recusando-se a ser "o filho obediente" da velha Europa.

Desde a longínqua rebelião de um Tupacamarú ou do levante índio popular dos mexicanos sob Hidalgo e Morelos que, com o fuzil empunharam um estandarte da Guadalupana, gesta-se na América Latina um processo de libertação popular, de integração latino-americana, de autonomia política e cultural do continente situado ao sul do Colorado... Esta libertação da dependência, esta ruptura das estruturas da totalidade dominadas pelo "centro", querem indicar a necessidade, para um povo até agora oprimido, de chegar a ter a possibilidade humana de cumprir um projeto digno desse nome (Dussel, 1986, p. 239).

Ser o sujeito de sua própria história foi a mola impulsora dos movimentos de libertação ocorridos na América Latina. Também para os Movimentos Sociais atuais, enquanto lutam contra a alienação do povo dominado por uma elite dirigente, este deve ser o princípio que motiva a auto-determinação das classes oprimidas.

Falando do "quefazer filosófico na perspectiva intercultural" na América Latina, o filósofo cubano Raúl Fonet-Betancourt, radicado há vários anos na Alemanha diz que

o primeiro pressuposto é o de criar as condições para que os povos falem com voz própria, quer dizer, que digam sua própria palavra e articulem seu logos sem pressões nem deformações impostas: deixar que o outro libere sua palavra (Fonet-Betancourt, 1994, p. 20).

2.3 O Interlocutor

Diariamente, em torno de nós, irrompe o rosto de outros homens.

Ele se revela como outro quando se apresenta em nosso sistema de instrumentos como exterior, como alguém, como uma liberdade que interpela, que provoca, que aparece como aquele que resiste à totalização instrumental... O rosto se revela realmente como outro quando irrompe como o mais extremamente distinto, como o pobre

e oprimido. Seu rosto é provocação e juízo por sua simplicidade (Dussel, 1982, p. 49).

A revelação do oprimido, do pobre, do outro, é o começo da libertação real, que se processa na medida em que nos aproximamos dele na fraternidade. Aproximando-nos do oprimido, não conhecemos a sua reação, que poderá ser de abertura ou de rejeição. Na proximidade acontece a reciprocidade, sendo ela o ponto de partida de toda a responsabilidade pelo outro.

A reciprocidade acontece no respeito pelo mundo do outro, no respeito pela sua cosmovisão. Esta cosmovisão pré-determina o projeto da pessoa, dá sentido e valor às coisas, conservando sempre, no entanto, a possibilidade para a liberdade, pois

cada pessoa é rosto de um sexo, de uma geração, de uma classe social, de uma nação, de um grupo cultural, de uma idade da história (Dussel, 1982, p. 50).

Na sua individualidade, o rosto do outro nos interpela.

O ethos da libertação se estrutura em torno de um eixo essencial que não é a compaixão mas sim a comiseração (com miséria). É a pulsão alternativa ou de justiça metafísica; é o amor ao outro como outro, como exterioridade. Descobrir o outro como outro e pôr-se junto à sua miséria, viver como própria a desproporção de ser livre e sofrer sua escravidão; doar-se com a dor de tal cisão, é a posição primeira do libertador. Não é a amizade, nem a fraternidade, mas o amor aos oprimidos em razão de sua real dignidade como exterioridade (Dussel, 1982, p. 70).

Comprometer-se é fazer-se responsável: encarregar-se do pobre que se encontra na exterioridade diante do sistema. Isso expõe o homem justo aos ataques do sistema que se sente atacado por sua gratuidade.

A alienação tinha encoberto o rosto do outro com uma máscara fabricada pelo sistema para ocultar sua interpelação. A máscara é a definição do outro pela função que tem dentro do sistema: é empregado, operário, camponês... Permitir que apareça o rosto interpelante exige desapropriar o possuidor do sistema, a fim de que o homem definido como parte se revele (Dussel, 1982, p. 68).

2.4 O desejo de participar

A mais elementar definição de participação é “fazer parte”. Falando da participação dos jovens nos Movimentos Sociais, entende-se que os jovens fazem ou não fazem parte dos Movimentos Sociais. Para fazerem parte, entende-se que eles devam ter o direito de decidir junto, trabalhar junto e usufruir junto. Só participa efetivamente quem decide, executa e se beneficia com os frutos. É o que mostra Norberto Bobbio, quando diz que,

quando falamos de participação, automaticamente vem à mente a palavra poder: como ele é adquirido, como é conservado e perdido, como é exercido, como é defendido e como é possível defender-se contra ele” (Bobbio, 1992, p. 143). “A participação democrática deveria ser eficiente, direta e livre: mesmo nas democracias mais evoluídas, a participação popular não é nem eficiente, nem direta, nem livre. Da soma desses três deficits de participação popular nasce a razão mais grave de crise, ou seja, a apatia política, o fenômeno tantas vezes observado e lamentado pelos grandes aparelhos partidários (Bobbio, 1992, p. 151).

Alain Touraine, falando da consciência nacional, diz que ela

se apóia na consciência da participação em uma coletividade, na qual a maioria está associada ao maior número de decisões possível, os conflitos são debatidos, reformas são introduzidas e as inovações são aceitas (Touraine, 1988, p. 90).

A participação não pode se dar apenas no nível do trabalho. Ela se deve dar também no nível da decisão e dos resultados.

Um aspecto interessante e grave, que é oportuno lembrar, é que um sistema político só é democrático quando as decisões são tomadas com liberdade e se respeita a vontade da maioria. Ora, quando muitos se negam a participar das decisões, é inevitável que a tarefa de decidir fique nas mãos da minoria, ou seja, a omissão de muitos impede que se tenha um sistema democrático. Aquele que por sua vontade não participa de uma decisão é tão responsável como aquele que decidiu (Bobbio, 1992, p. 24).

Num Movimento Social, podemos distinguir várias formas de participação, de acordo com o tempo disponível, a consciência da pessoa e a capacidade individual de cada uma. Entre estas formas destacamos a participação na coordenação ou na diretoria, na

assessoria, na assembléia, na formação da consciência, no trabalho, nas manifestações, no apoio financeiro e material, no voto e na divulgação.

2.5 Os Movimentos Sociais

Ao longo da história da humanidade sempre existiram Movimentos Sociais. No presente trabalho, abordamos os Novos Movimentos Sociais, surgidos no Brasil a partir do golpe militar de 1964. Com o fechamento dos sindicatos, a criação do bipartidarismo e a perseguição política, novos espaços de organização do povo foram se criando. Paul Singer diz que

os Movimentos Sociais têm por origem contradições que afetam a população. São iniciados, em geral, por grupos limitados de pessoas ideologicamente motivados a se empenhar na defesa dos interesses desta população. A este respeito, há que distinguir entre movimentos espontâneos (como os movimentos de bairro ou de grupos discriminados) e movimentos institucionalizados pelo Estado (como os partidos e sindicatos). Na realidade, os partidos e sindicatos não constituem movimentos sociais em si mesmos, podendo, porém, ser terreno de atuação de movimentos que visem precisamente, ampliar neles a participação da classe trabalhadora (Singer, 1980, p. 224).

Mesmo reconhecendo a ambivalência do termo, no presente trabalho aplico “Movimentos Sociais” às Associações de Moradores, Sindicatos, Movimentos de Greve, Movimentos de Bairro, Grêmios Estudantis, Movimentos de Mulheres, Movimento da Consciência Negra, pela permanência da Fumossul em Venâncio Aires, Direitos Humanos, Movimentos de Jovens, Ecologistas, CEBs, pela Vida contra a Fome, Associações, Partidos políticos de esquerda, Trabalhadores Rurais Sem Terra, Sem Teto. Tenho consciência que, falando em sentido restrito, tanto os sindicatos como os partidos políticos e os Grêmios estudantis não se enquadram na definição clássica de Novos Movimentos Sociais. Porém, para ampliar a análise, enquadrando todos dentro do mesmo esquema.

2.6 O Jovem como força de transformação

Mais do que qualquer outra faixa etária, o jovem é aquele que tem abertura ao novo e disposição de inovar. A ele não agrada repetir o mesmo ato. Sua presença no processo de libertação das classes oprimidas é indispensável para permitir a contínua inovação.

A juventude é a idade do broto, do desabrochar, da ruptura e da independência. A juventude é sonhadora, impaciente e imediatista.

Identifica-se, geralmente, com o novo, com a mudança - força de transformação da sociedade... A juventude é, essencialmente, fase de negação - de crise e de crítica. Contesta toda e qualquer autoridade e o que está estabelecido... A busca de si mesmo, a negação e a recusa do que lhe parece convencional, a contestação e a falta de esperança transparecem em agressividade e insegurança. Além disso, sua recente descoberta do mundo faz com que se angustiem com os dramas, as misérias e as tristezas. Sonham muito e buscam prazer. Querem se sentir úteis, mas não sabem como. Querem se organizar, mas não têm paciência. Querem ser gente e se sentem nada (CNBB, 1991, p. 10).

Quando falamos dos jovens, entendemos o universo de pessoas que têm de 15 a 24 anos de idade, o que no Brasil soma 19% da população. É este o conceito adotado pela ONU (Organização das Nações Unidas). A Organização Mundial da Saúde caracteriza como jovens as pessoas que têm de 11 a 18 anos de idade. Outros ainda se referem ao jovem como aquele que tem de 10 a 17 anos de idade.

A história recente registra bonitos exemplos da participação dos jovens na mudança da sociedade. Em alguns lugares eles lideraram as mudanças, enquanto que em outros lugares eles reforçaram as lutas que estavam em andamento.

Foi o que aconteceu em Paris em 1968, quando os estudantes exigiram reformas nas Universidades e na sociedade, e chegaram a abalar o forte governo do General De Gaulle. Nos Estados Unidos, fizeram o governo parar com a guerra do Vietnã e, no Brasil, na década de 50, os estudantes reforçaram a criação da Petrobrás. Na mobilização pelas "Diretas Já" em 1984, e no processo constituinte de 1988, sua participação foi decisiva... E há ainda a lembrar a participação dos jovens nos recentes acontecimentos na China e na Coreia (CNBB, 1991, p. 25).

Acrescente-se a tudo isso a participação decisiva dos jovens "cara-pintadas" no afastamento de Fernando Collor da presidência da República em 1992. O direito de votar aos 16 anos foi conseguido a partir da luta da juventude, com mobilizações e abaixo assinados. Na Colômbia, em 1990, os jovens universitários fizeram uma campanha nacional pela mudança da Constituição. Junto com as eleições presidenciais, entregaram cédulas onde as pessoas se manifestaram pela mudança ou não da Constituição. Apesar da resistência do governo, a mudança constitucional foi aprovada com larga margem de votos. Pressionado pelos estudantes, o governo convocou a Assembleia Nacional Constituinte, que fez a revisão constitucional.

2.7 Os jovens de Venâncio Aires

Situado no Vale do Rio Pardo, o município de Venâncio Aires tem uma população aproximada de 58 mil habitantes. Destaca-se como o município com melhor índice de alfabetização do Vale, sendo que na faixa dos 11 aos 14 anos, a porcentagem de analfabetos é de 2,5%.

Na cidade de Venâncio Aires existiam, em 1995, cinco colégios de segundo grau, sendo três deles particulares e dois estaduais. Em quatro desses colégios estava organizado o Grêmio Estudantil. A União dos Estudantes de Venâncio Aires (UEVA), que era forte há alguns anos atrás, deixou de existir.

A Pastoral da Juventude teve atuação destacada nos anos 80, organizando caminhadas, cursos e treinamentos, motivando a organização de grupos de jovens. Da Pastoral da Juventude, muitos jovens partiram para os partidos políticos, sindicatos, Movimento de Justiça e Direitos Humanos, Movimento de Consciência Negra, Grêmios estudantis... O movimento pela Constituinte e pelas eleições diretas, em Venâncio Aires, foi puxado pela Pastoral da Juventude.

Atualmente são poucos os grupos de jovens existentes. Como em outros lugares, os jovens de Venâncio Aires foram assaltados pelo consumismo propagandeado pelos Meios de Comunicação de Massa. Junto com o consumismo, o individualismo se apoderou dos jovens. Temas como sindicalismo e política não têm simpatia entre a juventude.

Em contato com os sindicatos do município, percebe-se a ausência dos jovens. Assim se 80% dos trabalhadores das fábricas de calçados do município são jovens, no Sindicato dos Calçadistas a porcentagem de jovens é de 33%. No Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias do Fumo, Alimentação e Afins de Venâncio Aires, não tem nenhum jovem exercendo cargo na diretoria. Já no Sindicato dos Trabalhadores Rurais, é muito difícil de aparecer um jovem para se associar.

Também na Associação de Moradores a presença dos jovens é pequena. Tanto assim que na diretoria da UAMVA (União das Associações de Moradores de Venâncio Aires), composta por 18 membros, não tem ninguém que tenha menos de 24 anos. Das 15 associações de moradores filiadas à UAMVA, apenas uma tem um presidente jovem. Já o baile dos 10 anos da UAMVA, realizado no dia 24 de setembro de 1994, foi sucesso por causa da participação dos jovens.

Nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), a participação dos jovens é mais significativa. Aí eles exercem funções na catequese, liturgia, grupos de jovens, dinamização do lazer. Porém nas coordenações das CEBs e nos encontros paroquiais e diocesanos, a presença do jovem é bastante pequena.

No Comitê Ação da Cidadania contra a Fome e a Miséria e pela Vida de Venâncio Aires, a participação dos jovens é significativa no momento de arrecadar alimentos. Na hora de articular e coordenar os trabalhos, os jovens desaparecem do Comitê.

3 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

Foram feitas duas pesquisas: uma com jovens que tinham entre 15 e 23 anos de idade em 1994, e outra com jovens da década de 1980, que na oportunidade da pesquisa estavam com 25 a 38 anos de idade. A maioria dos 40 jovens entrevistados estava no segundo grau (35), e estavam trabalhando (24). Três deles tinham parado de estudar (dois porque concluíram o segundo grau e um parou na sétima série). Dos que não trabalhavam, apenas três diziam não encontrar emprego. Outros foram explícitos em dizer que não trabalhavam "porque não precisam". Todos eles são solteiros, respeitando o conceito popular de que "quando é casado não é mais jovem".

Os jovens da década de 1980 que foram entrevistados tinham sido líderes da Pastoral da Juventude no momento em que a Pastoral estava no seu momento glorioso (1984 a 1988). Seis deles concluíram o segundo grau, dois o terceiro, e dois pararam depois da oitava série. Todos eles estavam com o seu emprego na hora da entrevista.

3.1 Os interesses naturais dos jovens

Dois questões (o que o jovem mais gosta de fazer? Quais são os seus programas preferidos?) apontam para os interesses naturais dos jovens.

No que os jovens mais gostam de fazer, o destaque fica por conta do "estar com os amigos", apontado em 16 oportunidades. Colocando-se na mesma linha do estar com os amigos, dançar, namorar, estar com a família, conversar e ir a festas, somamos 34 respostas de um total de 74 que foram dadas.

Outro destaque fica por conta da prática do esporte, apontado 8 vezes. Colocando-se na mesma linha da diversão, escutar música, olhar filmes, assistir teatro, caminhar, jogar videogame, andar de "bici", ir a festas e descansar, somamos 19 respostas. Confirma-se assim que

a juventude é a fase do sonho e da busca do prazer (CNBB, 1991, p.10).

Também o estudo aparece com destaque entre os jovens, apontado em 6 oportunidades. Acrescentando-se a ele o gosto de ler, assistir teatro e refletir sobre a vida, temos 12 respostas. Logo, quando se afirma que

a juventude é a etapa da vida na qual se deveriam desenvolver o conjunto das potencialidades, práticas intelectuais, psicológicas, afetivas, espirituais e morais do homem (CNBB, 1991, p. 09),

pode-se dizer que os jovens de Venâncio Aires estão sendo jovens no pleno sentido do termo, e jovens que se preocupam com o futuro. São jovens que, em sua maioria, estudam

não porque lhes seja imposto, mas porque sentem prazer com o que fazem.

A realização nos serviços comunitários é apresentada 3 vezes, assim como também o trabalho é apontado em 3 ocasiões. Duas vezes aparece a oração e uma vez o canto.

No questionário feito com jovens da década de 80, de 10 pessoas entrevistadas, 7 disseram que o que motivava os jovens da época a se engajarem nos Movimentos Sociais era a amizade e a animação dos grupos. Neste caso, os jovens de uma e de outra época não mudaram muito.

Os programas preferidos da juventude apontam os filmes na Televisão (19 x), as músicas no rádio (26 x), o esporte e página social no jornal (11 x). Ainda na Televisão são destacados os noticiários (10 x), novelas (6 x), esporte e programa do Fantástico (5 x cada). Isso mostra a tendência da juventude a gostar daquilo que aponta para além da dura realidade de cada dia. Poder sonhar é algo que entusiasma o jovem.

Diferentemente de 1980, o jovem prefere viver a aventura afundado no sofá, em frente à TV. Ser capa do Caderno Social, vencer algum concurso de beleza é sonho alimentado pelas jovens estudantes. Isso faz que o jovem de hoje valorize tanto as aparências, cuidando do seu modo de vestir e da sua beleza física. O belo, o som e o movimento formam o conjunto que atrai os jovens no mundo atual. Na preferência do jornal, apenas uma vez aparece a política e duas vezes a economia. Mais importantes do que política e economia são o horóscopo, a página policial, a página social e o esporte.

3.2 Os interesses político-sociais dos jovens

Várias questões do questionário apontam para os interesses sociais dos jovens.

De cara, fica evidente que os jovens de hoje não estão tão ligados às questões políticas como o eram os jovens da década de 1980. Se, naquela oportunidade, os jovens se entusiasmavam com a abertura política, com a luta pelas eleições diretas, a luta por uma Assembléia Nacional Constituinte livre e soberana e o fortalecimento dos Movimentos Sociais, os jovens de hoje estão muito desiludidos com tudo aquilo que se refere à política. No questionário, 26 jovens afirmam explicitamente que "o jovem de hoje está muito desiludido com os partidos políticos". Essa desilusão fica clara com as respostas sobre o horário político na televisão e no rádio, onde apenas um dos entrevistados diz que é um meio de estabelecermos contato com os programas dos partidos. Trinta e um jovens dizem que não costumam assistir aos programas políticos, classificando-os como desnecessários, artificiais e mentirosos.

Outro dado que chama atenção é o fato de que dos 17 jovens que poderiam fazer o seu título eleitoral sem serem obrigados a tanto pela idade, apenas 7 o fizeram. Mais da metade dos jovens não se valem de um direito que foi conseguido com muita luta pelos jovens da década passada. Dos 19 que têm o seu título, 9 dizem que têm o título porque

a idade os obriga a tanto. Seis dizem que têm o título para poderem participar das decisões do país.

No que se refere aos partidos políticos, 27 dos 40 entrevistados não têm opção partidária. Os que têm opção se voltam, na maioria das vezes, aos partidos com tendência mais de esquerda (PT e PV). Isso quando eles não são cooptados pelos pais ou por interesses alheios. Assim, na hora do voto, muitos se deixam levar por promessas falsas ou votando pela maioria, para não serem excluídos dos favores prometidos.

Hamilton Lacerda, presidente do Centro de Formação e Estudos para a Juventude de Campinas, traz uma luz para a aversão do jovem de hoje à política formal. Diz ele que

Por mais progressista que seja o partido, ele traz uma carga de valores e vícios presentes na sociedade. Ou seja, muitas vezes os partidos desprezam o jovem como agente político diferenciado e decisivo. É comum vermos nos partidos que o jovem é bom apenas para colar cartazes, distribuir panfletos, fazer número nas manifestações, carregar bandeiras, mas na hora de tomar decisões políticas ele é jovem demais e fica rotulado de inconseqüente (Tempo e Presença 262, p. 21).

O reduzido número de jovens com opção partidária clara não deixa de ser preocupante para quem sonha com mudanças sociais. Se concordamos com a afirmação de que

a juventude é, essencialmente, fase de negação - de crise e de crítica, contestando toda e qualquer autoridade e o que está estabelecido (CNBB, 1991, p. 12)

preocupa a falta de confiança nos partidos políticos no sentido de serem força de mudança da sociedade.

As necessidades materiais da população pobre continuam sensibilizando os jovens. A consciência de que precisamos dar comida a quem está com fome, casa a quem não tem onde morar, é consenso entre a juventude. É o que mostra a avaliação feita pelo conjunto dos entrevistados sobre o Comitê Ação da Cidadania. Mesmo que boa parte não o conheça (16 dos entrevistados), praticamente todos eles já contribuíram com alguma coisa para ele. Mesmo que se diga com facilidade que "pobre é pobre porque é preguiçoso", quando aparecem casos concretos de campanhas, os jovens continuam abertos e sensíveis.

Assim, se os programas gratuitos do horário eleitoral são avaliados bastante negativamente, a atuação do Comitê em Venâncio Aires é avaliado de forma muito positiva. Apenas dois dos vinte e quatro entrevistados que conhecem o Comitê, disseram que ele

poderia ajudar mais. Confirma-se assim a tese de que

a recente descoberta do mundo faz com que os jovens se angustiem com os dramas, as misérias e as tristezas do povo (CNBB, 1991, p. 13).

A sensibilidade dos jovens para com as questões sociais também aparece com destaque no elenco das principais necessidades de Venâncio Aires, quando a criação de empregos é citada 18 vezes. Reunindo todas as respostas que têm algo a ver com a melhoria da situação de vida do trabalhador, nós temos 57 citações contra 21 que vão na linha da cultura e do lazer. Já os jovens da década de 80, que eram conhecidos como jovens de briga e luta, apontam 13 vezes as questões sociais e 10 vezes as questões que se referem à cultura e ao lazer, numa evidente redução nas preocupações com as questões de ordem social.

3.3 As motivações dos jovens

Para conseguir a participação dos jovens nos Movimentos Sociais, os Movimentos deverão:

a. Valorizar a presença e participação dos jovens (citado 16 vezes). Ninguém gosta de permanecer à margem da estrada da história. Por natureza, a pessoa quer participar e quer ser valorizada nesta participação.

Olhando para os Movimentos de libertação da América Latina, percebemos que o desejo de ser o sujeito de sua própria história foi a mola impulsora de todos eles. Confirmam-se assim as palavras de filósofo Raul Fonet-Betancourt de que

o primeiro pressuposto é de criar as condições para que os povos falem com voz própria, sem pressões nem deformações impostas: deixar que o outro libere a sua palavra (Fonet-Betancourt, 1994, p. 20).

Enquanto os Movimentos Sociais não souberem valorizar a fala dos jovens e o seu jeito próprio de participar, eles não vão conseguir que os jovens se empolguem com as suas propostas.

B. Assumir lutas concretas que venham ao encontro dos interesses dos jovens (citado 12 vezes). O jovem gosta de coisas concretas e objetivas. Olhando para os jovens de hoje, os da década de 80 dizem que os jovens se empolgam com os movimentos ecológicos, pela ética, movimentos de massa e que usam símbolos. No passado recente, vimos os jovens pintarem as caras para participarem das passeatas pelo "impeachment" do presidente Fernando Collor. Em Venâncio Aires todos os jovens se uniram para lutarem pela permanência da Fumossul no local, assim como também se mobilizaram na

arrecadação de alimentos para o Comitê Ação da Cidadania.

C. Unir o útil ao agradável (citado 4 vezes). As palavras de Che Guevara - "hay que endurecer, pero sin perder la ternura jamás" - continuam muito atuais na ação dos jovens de hoje. Para os jovens da década de 80, a animação e amizade dos grupos constituíam a grande motivação que levava os jovens a se engajarem nos Movimentos Sociais. Sendo a idade do "sonho e da busca do prazer", as manifestações dos jovens de hoje são revestidas de um clima festivo: caras pintadas, cores, música. Para motivar os jovens, os Movimentos Sociais precisam ser calorosos:

É preciso saber chorar, olhar as pessoas com amor e carinho, ser capaz, às vezes, do gesto simples de dizer 'muito obrigado', 'parabéns' (Heck, 1990, p. 14).

É ainda de Che a palavra:

Deixe-me dizer, com o risco de parecer ridículo, que o verdadeiro revolucionário é movido por grandes sentimentos de amor (Heck, 1990, p. 1).

Em Venâncio Aires, uma das músicas mais cantadas pelos jovens, em encontros, continua sendo:

Deixe-me ser jovem, ser livre prá sonhar,
Não reprima, não reprove o meu jeito de amar.
Fazer também a história e não ser ignorado,
Preservar os meus valores e não ser massificado.
Deixa-me ser jovem, não me impeças de lutar,
Pois a vida me convida, uma missão realizar.

3.4 O jovem nos Movimentos Sociais

A participação dos jovens nos Movimentos Sociais está na proporção da força/fraqueza destes movimentos. Assim, a maioria dos entrevistados que participam de algum movimento participam de organizações internas da Igreja (de 18, 15). Dos 40 entrevistados, apenas um é militante do Grêmio Estudantil, sendo que não há ninguém filiado a partido político ou com atuação nos Sindicatos ou nas Associações de Moradores. Isso comprova o que foi dito pelos interlocutores dos sindicatos e organizações de Venâncio Aires que se confessam preocupados com a ausência dos jovens nestes movimentos.

Se nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) a presença dos jovens é mais

significativa, isso também se deve ao fato de as CEBs, no momento, não serem espaço de conflito tão evidente como um sindicato ou uma associação de moradores. Na entrevista feita com jovens da década de 80, em duas oportunidades aparece que o jovem de hoje prefere os movimentos que não implicam conflito. Mesmo nas CEBs, a atuação dos jovens se volta aos setores de pastoral que não implicam confronto (catequese, liturgia, grupos de família, grupos de jovens). Ninguém dos entrevistados atua nas chamadas pastorais sociais, tais como: pastoral rural, pastoral operária, serviço da caridade, pastoral da saúde, fé e política, consciência negra...

De outro lado, o jovem tem bastante abertura a movimentos de reivindicação momentâneos, onde se percebeu a força dos jovens nas mobilizações pela permanência da Fumossul em Venâncio Aires e contra o uso do calendário rotativo nas escolas públicas estaduais. Expressando os sentimentos com a participação nestas mobilizações, os jovens dizem ter sentido satisfação, realização pessoal, orgulho e emoção, ao constatarem que "a união faz a força". Foi também por isso que a equipe de coordenação da Cajova não encontrou maiores dificuldades para motivar os jovens a participarem, depois de um intervalo de 3 anos sem Cajova. De tanto que os jovens gostaram, houve vários pedidos de se realizar mais de uma Cajova por ano.

Comprova-se assim que o jovem gosta de coisas concretas e objetivas. Para o que é momentâneo, é fácil conseguir a participação do jovem.

3.5 O jovem visto pelo jovem

Uma das coisas mais surpreendentes da pesquisa foi a visão que o jovem tem do próprio jovem. Em 6 oportunidades apareceu a afirmação de que o jovem de hoje não quer nada com nada. Sendo dito por jovens, esta afirmação surpreende, uma vez que o jovem está perdendo o amor próprio e a sua identidade ao assumir conceitos emitidos gratuitamente por adultos. Na mesma linha vai a afirmação de que "o jovem só quer folia", já não esperando nada do futuro.

No extremo oposto destas afirmações, em 24 oportunidades apareceu a afirmação de que "o jovem estuda e trabalha para mudar a sociedade", sentindo-se, no entanto, impotente para tanto. Estando desiludido com os partidos políticos (26) e não acreditando nos adultos (8), o jovem está cansado de ser cobrado (2). Ele clama por apoio (2) para chegar a um futuro feliz para si e para seus semelhantes. Este apoio não deverá ser no sentido de "fazer pelo jovem", mas permitir que o jovem faça do seu jeito, dando-lhe também o direito de errar.

4 CONCLUSÃO

Transformações profundas aconteceram na sociedade brasileira nos últimos 8 anos (1986 a 1994). Basta lembrar a mudança da Constituição, as eleições diretas para presidente e governador, o acelerado aumento do desemprego, a proliferação das antenas parabólicas, dos vídeos e dos computadores. Em âmbito internacional os acontecimentos que mais repercutiram no Brasil foram a Perestroika na Rússia, a queda do muro de Berlim na Alemanha e o fim do regime somozista na Nicarágua. Com isso, o conflito deixou de ser entre Leste e Oeste (comunismo e capitalismo) para se tornar Norte/Sul (países ricos e países pobres). Outro acontecimento internacional que repercutiu no Brasil foi a criação dos diversos mercados comuns ou blocos comerciais (Tigres Asiáticos, Mercado Comum Europeu, NAFTA, Mercosul).

Com tantas transformações ocorridas, é evidente que o pensar e o agir dos jovens sofreu grandes mudanças. É o que ficou evidente ao longo do presente trabalho. Por isso, antes de concluir, quero voltar às hipóteses aventadas na introdução, para justificar a ausência dos jovens nos Movimentos Sociais.

Em primeiro lugar, é evidentemente falso afirmar que “os jovens de hoje não querem nada com nada”. A pesquisa mostrou que os jovens têm os seus sonhos e alimentam as suas utopias. Eles querem fazer algo para mudar a sociedade mas não sabem o quê e nem como. A forma hipócrita como as autoridades (os adultos) agem e governam não os motivam a se engajarem nisso que está aí.

Os Movimentos Sociais existentes são, em sua grande maioria, de outra época. Por os jovens não participarem, eles envelheceram nas suas propostas. Chegamos assim a uma redundância: os jovens não participam porque as propostas dos Movimentos não interessam a eles, e os Movimentos não se renovam porque os jovens não participam. Já quando o Movimento interessa e é momentâneo, os jovens participam massivamente. Exemplo foram o movimento pela permanência da Fumossul em Venâncio Aires e o movimento contra a adoção do calendário rotativo nas escolas.

A metodologia usada pelos Movimentos Sociais não se afina com o ser do jovem de hoje. Já se foi o tempo em que militante era sinônimo de carrancudo. Muitos ainda conservam esta característica em Venâncio Aires. O jovem de hoje se afina mais com o belo, o movimento e o prazer. Deduz-se daí que, ou os Movimentos Sociais assimilam a ternura, a afetividade, a alegria e a festa, ou os jovens continuarão ausentes dos Movimentos.

As decisões dos Movimentos Sociais são tomadas, muitas vezes, de forma autoritária. Ignora-se o jovem na hora de decidir algo. Exemplo característico é o Comitê Ação da Cidadania de Venâncio Aires, para cuja constituição foram convidadas 13 entidades, tendo sido “esquecidos” os jovens. Desconfia-se, com isso, que os Movimentos Sociais não querem a participação dos jovens. No discurso se reclama da sua ausência.

Na prática se quer o jovem apenas para executar tarefas.

Um grande desafio a ser enfrentado pelos Movimentos Sociais refere-se à criação de canais de comunicação com as diferentes modalidades de ação juvenil (grupos de dança, música, galeras, gangues, tribos...), buscando

a construção participativa da identidade coletiva do ator jovem em torno de atividades expressivas: música, dança, teatro, grafite, etc. (Sposito, 1993, p. 7).

Finalmente, a participação dos jovens nos Movimentos Sociais passa:

- pela criação de Novos Movimentos com a participação dos jovens desde o nascedouro;
- pela humanização (criação de espaços de relacionamento, afeto) dos atuais Movimentos Sociais;
- pela conscientização dos jovens de que a pobreza é fabricada pelo regime vigente;
- pelo fortalecimento da convicção de que “a união faz a força”;
- por uma mudança de metodologia a ser usada pelos Movimentos Sociais, onde o jovem de fato se sinta participante;
- pela mudança de mentalidade dos adultos, deixando de olhar com tantos preconceitos para os jovens;
- por uma percepção dos reais interesses do jovem de hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOBBIO, Norberto. *A era dos direitos*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1992.
- CNBB, *Juventude Caminho Aberto: Texto base da Campanha da Fraternidade de 1982*. São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 1991.
- DALLARI, Dalmo de Abreu. *O que é participação política* (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense, 1992.
- DUSSEL, Enrique. *Filosofia da libertação*. São Paulo: Loyola, 1982.
- _____. *Método para uma filosofia da libertação*. São Paulo: Loyola, 1986.
- FORNET-BETANCOURT, Raul. *Questões de metodologia para uma filosofia intercultural a partir da Ibero-América*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1994.
- GIANOTTI, José Arthur. *Trabalho e reflexão: ensaios para uma Dialética da Sociabilidade*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- HECK, Silvino. *Mística e política*. Porto Alegre: Corag, 1990.
- SCHERER-WARREN, Ilse. *Uma revolução no cotidiano: os novos movimentos sociais na América Latina*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- SINGER, Paul, CALDERA Brant. *São Paulo: o povo em movimento*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- SPOSITO, Marília Pontes. Educação e movimentos populares: futuros desafios. *Tempo e Presença*, n. 272, novembro/dezembro de 1993, p. 5-7.
- TEMPO E PRESENÇA n. 262, Março/abril de 1992. Revista Bimestral do CEDI: Centro Ecumênico de Documentação e Informação. São Paulo, 1992.
- TOURAINE, Alain. *O Pós-Socialismo*. São Paulo: Brasiliense, 1988.